



1 Os lamentos da Garota do Quarto

-Pois não? — Disse o senhor de cabelos grisalhos ao abrir a porta. Ele era tão baixo que, se tivesse alguns centímetros a menos, poderia cair na categoria do nanismo. Tinha uma barba branca e felpuda, lábios pálidos e rachados, e mãos inchadas e cobertas de manchas de idade. Mas o que mais chamou a atenção de Adam foi que ele mantinha o olho direito pressionado todo o tempo, igual ao Popeye, como se estivesse sendo perturbado por um cisco.

— Boa tarde, senhor. Meu nome é Adam e sou o novo inquilino.

Adam estendeu a mão, mas o velho a ignorou, mantendo a porta entreaberta.

— Ah, o rapaz do 42. A imobiliária não me avisou que viria hoje.

— Culpa minha. Acabei adiantando meus planos.

— Sei, sei... O senhor muda seus planos e acha que a gente tem que se adequar a eles, rapaz? É isso?

A frase foi proferida num tom que fez Adam sentir que estava fazendo algo de errado, mesmo tendo acertado toda a papelada e pagado adiantado o aluguel do imóvel.

— Olha, não queria atrapalhar. Eu só achei que...

— Tudo bem, deixa pra lá.

O velho finalmente abriu toda a porta, revelando um corpanzil no formato de barril.

— Vamos entrando — emendou. Adam obedeceu antes que o velho mudasse de ideia e perguntou:

— E o senhor seria...?

— Marcos Garcia de Campos. Sou o zelador. Só trouxe isso de bagagem?

Ele indicou com a cabeça a nada impressionante mala de couro que Adam carregava. O recém-chegado olhou para ela e respondeu:

— Não tenho muita coisa hoje em dia. Decidi que era melhor levar uma vida leve.

— Sei o que quer dizer, senhor Adam. Bom pra você, já que não temos elevador.

Adam franziu a testa.

— Não tem? Mas a imobiliária disse que...

— Eles dizem o que o cliente quer escutar. Só isso. — O velho tirou um lenço de pano do bolso da frente da camisa e assoou o nariz. Adam contorceu o rosto de nojo. Sem se abalar, ele o dobrou ao meio e assoou de novo, fazendo o dobro do barulho. — Bom, na verdade, até temos um elevador... ele só não funciona há um bom par de anos. Venha, vou lhe mostrar o lugar.

Eles deram meia dúzia de passos até a recepção, toda feita de madeira, com um balcão alto, uma cadeira de assento de treliça, um painel onde as chaves dos quartos poderiam ser penduradas em pequenos ganchos de metal e um espelho oxidado à direita. A atmosfera remetia aos anos 1960. Adam notou que o velho andava mancando e percebeu de cara o motivo: ele tinha uma perna maior do que a outra. A diferença era perceptível, mesmo para alguém como Adam, que não era tão observador para esse tipo de detalhe. Contudo, totalmente adaptado àquela marcha diferenciada, o senhor Marcos se movia com relativa agilidade.

— Temos um porteiro no horário comercial, o senhor Albuquerque — explicou Marcos. — Ele recebe a correspondência e abre a porta, entre outras funções inúteis. O senhor não vai gostar dele. Ninguém gosta. Mas, se você for do tipo que só não esquece a cabeça porque está grudada, pode deixar a chave aqui que ele toma conta. Particularmente, eu não recomendaria, mas é uma opção.

— Por que não recomendaria? — Adam perguntou.

— Porque o desgraçado dorme em serviço. E porque ele pode ir embora se der o horário, e aí sua chave fica nesse painel, sem ninguém tomando conta.

Adam ergueu as sobrancelhas.

— Que horas ele sai?

— Três, quatro. Vai saber... Cansei de controlar o horário daquele crápula. Só não o despedimos porque o condomínio não poderia arcar com a indenização. — Apesar das ofensas, havia um tom caloroso na voz de Marcos.

Adam olhou para o painel e refletiu.

— As pessoas realmente deixam suas chaves aqui? Tipo... isso aqui não é um hotel, né?

— Absolutamente, senhor. Mas é como eu disse: deixe sua chave por sua conta e risco. Enfim, no raro evento de alguém receber visitas, ele também se encarrega de interfonar e avisar. Ou, claro, se o senhor chamar alguma companhia num dia solitário...

O zelador deu um cutucão com o cotovelo no braço de Adam e soltou uma risada tão forçada quanto desagradável. Adam respondeu com uma encarada feia que fez o velho pigarrear e retomar a pose.

— Venha, vamos subir.

Eles começaram a subir as escadarias.

— São seis apartamentos por andar. O único que está totalmente ocupado é o primeiro. Nos outros há pelo menos um vazio. No seu, mora só a velha ranzinza do 44 e, agora, você. Quer um conselho? Fica longe dela. E mantenha a sua porta trancada, mesmo quando estiver em casa. Ela tem mania de xeretar por aí. Se encontra alguma porta destrancada, vai logo entrando. A bruaca é doida — ele fez um sinal, girando o dedo indicador próximo da têmpora. — Na semana passada, saiu andando pelada no meio da tarde pelos corredores e acabou entrando na casa da dona Juliana, do 25. O senhor não acredita no banzé

que a desgraçada da velha armou. E, lógico, sobrou pra quem limpar a bagunça e pôr panos quentes?

— Pro senhor, imagino.

— Claro. Pra quem mais? Bom, então é isso. Ela é inofensiva, mas, pra ser sincero, coisas estranhas acontecem quando ela tá por perto. Luzes piscam. O vento assobia. Uma vez o rádio da portaria estava ligado e trocou sozinho de estação. — Adam deu um assobio agudo, fingindo estar perplexo. Marcos concluiu. — Deixe a porta trancada e evite surpresas desagradáveis.

Ao chegarem ao terceiro andar, de um total de cinco, Adam viu um garoto sentado no corredor, brincando com um carrinho de plástico. Não devia ter mais de dez anos. Era magro, de cabelos pretos cortados no estilo tigelinha e dentes dianteiros podres, o que Adam reparou quando ele sorriu. Suas roupas estavam sujas, como se estivesse brincando em um lixão, e sob os pés descalços, uma sola grossa e cascuda denunciava que ele não era muito íntimo de calçados; provavelmente só os usava quando necessário.

— Oi — Adam disse para o garoto. Ele se levantou e foi até a dupla, parando a poucos metros de distância.

— O senhor é o novo morador? — Perguntou, eufórico. — Nunca vemos gente nova por aqui.

— Sim. Eu me chamo Adam.

O garoto estendeu a mão.

— Eu sou o Pedro. Mas todo mundo me chama de Pombo.

— Por quê?

— Porque eu levo recados sempre que as pessoas precisam. Posso visitar seu apartamento depois?

Adam ia responder, quando o zelador se intrometeu e grasnou como um corvo espantando um pombo:

— Ah, moleque, sai daqui. Não tá vendo que o moço acabou de chegar? Abusado... — Pombo saiu correndo e, após desaparecer na terceira porta à direita do corredor, Marcos emendou, antes de continuar a subida. — Se der a mão pra esse aí, ele puxa o braço. É melhor ficar esperto por aqui, senhor Adam. E vê se deixa a...

— Porta trancada. Sim, eu entendi.

O zelador revirou os olhos numa calculada reação teatral e subiu em silêncio o último lance. A dupla parou em frente a uma porta onde estava pintado o número 42 em amarelo. Marcos tirou uma chave do bolso e

a abriu. Um cheiro bolorento atingiu Adam e despertou nele uma careta. Ao perceber a reação, o velho disse:

— Faz tempo que ninguém abre as janelas — e entrou destemido. Adam o seguiu.

Era um apartamento velho, porém espaçoso. As paredes estavam com a pintura bastante suja e descascada em alguns pontos. Os lustres eram antiquados, um pouco cafonas, mas Marcos mostrou que tudo estava funcionando, apertando os interruptores ao lado da porta de entrada. No centro, um sofá de couro bonito, mas numa extravagante tonalidade roxa.

— Bem... é isso. Água quente só até as 22 horas. Depois disso, desligamos o gás.

— Sério?

— Sério.

— Então, não posso tomar banho mais tarde?

— Claro que pode... frio.

O comentário foi seguido de uma gargalhada, que fez Adam ter vontade de esmurrar aquele velho caolho e anão. Optou por deixar a mala na sala e ir explorar a cozinha. Encontrou uma geladeira velha, mas que incrivelmente mostrou-se funcional quando ligada à tomada, e um fogão um pouco mais moderno, porém soterrado por uma camada de gordura. Os armários estavam caindo aos pedaços e não havia qualquer utensílio de cozinha, mas tinha um antigo rádio de pilhas em cima da geladeira. Marcos fez uma observação:

— A geladeira está aí desde a época em que levantaram o muro. Agora, o muro caiu e, no ano passado, foi a vez da maldita União Soviética... Vamos criar um novo mundo, senhor Adam. O senhor não é comunista, é?

Adam riu:

— Não. Sou um advogado.

— Bah... Ainda pior — Marcos ralhou. — Precisa de mim pra mais alguma coisa?

— Não. Mas, se precisar, como falo com o senhor?

— Meu apartamento é o 11.



Não havia televisão. Não havia livros. Não havia rádio. Não havia ninguém com quem conversar além dos próprios pensamentos. Na primeira noite, o tempo pareceu se arrastar.

Adam pensou em sair para comprar umas cervejas, mas foi vencido pela preguiça. Tomou uma ducha quente enquanto ainda podia e, ao sair do chuveiro enrolado na toalha, pingando, ficou observando a cama de casal. O colchão era velho e cheio de manchas; não havia travesseiro e o cheiro de mofo o nauseava levemente.

Ele não tinha lençóis ou cobertores, então vestiu uma roupa que julgou que o protegeria razoavelmente dos efeitos nocivos daquele colchão e se deixou afundar na cama. Só quando parou na posição horizontal que percebeu o quanto estava cansado. Ainda assim, não conseguiu dormir. Passou horas estirado sem se mover, com as mãos cruzadas sobre o peito, olhando para um teto sujo.

Pensou na vida até ali, em toda a sua trajetória estúpida e trôpega, mas, sempre que sentia estar se cobrando demais, desviava os pensamentos para o enorme trabalho que teria para tornar aquele apartamento habitável. Uma firme melancolia ameaçava tragá-lo para dentro de um buraco negro. Poucas vezes na vida sentira-se tão triste e diminuído quanto naquela longa primeira noite.

Ele tinha ido para longe para fugir da sua realidade, para escapar dos problemas, mas não era tão simples assim. Uma angústia o consumia lá no fundo da alma, e Adam se viu forçado a admitir que ela já estava lá há bastante tempo, desde antes do término de seu casamento. Seria por causa dela que traíra a esposa? Ele não tinha as respostas.

Quando mais jovem, escutara falar sobre aquela crise que os homens tinham ao se aproximarem dos 40 anos, mas achara tudo besteira. Agora, Adam estava com 38 e, consumido por aquela profunda angústia, teve de dar a mão à palmatória. O vazio existia. Ele era real. Palpável. E acometia homens como ele, tirando-os do rumo, forçando-os a serem fugazes e superficiais. Álcool e outros vícios o supriam momentaneamente, mulheres podiam ajudar a esquecer-lo, assim como dinheiro, viagens, jogos e apostas, filmes e concertos musicais, noitadas em boates e passeios no parque... tudo para não pensar naquele vazio da alma. Mas o desgraçado sempre voltava; foi o que Adam aprendeu, ele *sempre* voltava. É possível passar uma vida inteira ignorando-o ou fugindo dele, mas não é algo que se resolve como uma coceira. Ele percebeu que não se varre o vazio para baixo do tapete.

Enfim, em algum momento da noite, quando já estava quase dormindo, tendo extenuado a mente de tanto refletir, e flutuava entre a vigília e aquele estado de relaxamento que antecede o sono em si, aconteceu pela primeira vez.

Sua mente havia espiralado numa curva descendente rumo à inconsciência, permitindo que uma ligeira nuvem cobrisse os seus olhos, como se um véu tivesse sido posto diante de seu rosto.

O que primeiro chamou sua atenção foi um ruído como um ganido. Seu cérebro entorpecido tratou aquilo com desdém; provavelmente o som tinha vindo de fora, da rua, trazido para o quarto pela brisa suave da noite. Então, ele se repetiu e ficou claro que o ganido era um lamento, quase um choro. E que estava próximo demais para ter vindo da rua.

Ligeiramente desperto, mas ainda mergulhado na letargia, por uma pequena fenda deixada pelos olhos entreabertos, coberta por uma teia de cílios entrelaçados, ele viu uma silhueta na porta.

As cortinas da janela do quarto eram finas, quase transparentes, e a única luz vinha de fora, talvez da rua, talvez da lua, ele não saberia dizer ao certo. Após tantas horas na penumbra, sua visão tinha se acostumado a ponto de distinguir todas as formas do quarto, de ver os detalhes do lustre de cobre com suas três lâmpadas, de conseguir enxergar até as manchas mais fracas nas paredes, inclusive uma enorme marca paralela ao teto que identificava onde outrora havia um armário.

Os olhos começaram a se desgrudar aos poucos; os cílios foram se desvencilhando uns dos outros, até se abrirem por completo. A imagem foi, aos poucos, se formando, se constituindo e calibrando. A silhueta tomou corpo e forma. Contornos...

De repente, sua mente gritou. Estava vendo algo que não devia estar ali. As associações se fizeram e a primeira coisa que Adam pensou foi que havia trancado a porta. Ele tinha certeza de que havia trancado. Mas será que a velha do 44 estava ali, ao seu lado?

Alguém estava ali, delineado pela luz externa, emoldurado pelo batedor da porta do quarto. E, com certeza, era uma silhueta feminina.

Adam teve uma súbita falta de ar. O coração disparou. Uma liberação de adrenalina no corpo. Sentiu as palmas suarem. Um formigamento nos pés. Os pelos da nuca se arrepiaram. Era o medo se instaurando, querendo mantê-lo paralisado na cama.

Amanda! Amanda veio me perseguir! Não, isso era irracional demais para ocorrer, ainda que uma parte de si desejasse que fosse verdade.

Lutando contra a sensação de pânico e rompendo os grilhões invisíveis que o mantinham deitado, ergueu-se de uma só vez, arremetendo na direção da silhueta.

Não sabia o que faria, provavelmente só a afugentaria, berrando e acenando os braços. E torceria para que não fosse um ladrão. Ou melhor, uma ladra.

Assim que se pôs de pé, Adam viu que não havia necessidade de alterações.

Não tinha ninguém ali.

Há alguns anos, ele foi a um bar e estacionou o carro a duas esquinas de distância. Quando voltou, o carro não estava mais lá; havia sido *roubado*. Ele ficou alguns segundos diante do local, dizendo a si próprio que tinha parado ali, que não estava nem louco nem bêbado, vivenciando uma sensação estranha. Uma confusão letárgica e abobada. Nunca mais tivera aquela sensação de estar perdido num lugar conhecido. Até agora.

Revistou o apartamento e certificou-se de que a porta da frente *realmente* estava fechada. Ninguém poderia ter se escondido tão rápido. Se alguém estivera ali, tinha desaparecido. Lembrou-se de Conan Doyle: “Ao descartar o impossível, o que restar, por mais improvável que seja, terá de ser a verdade”. No caso, a resposta não parecia nada improvável... Adam tinha apenas sonhado. E, no seu sonho, viu uma silhueta observando-o dormir.

Um sonho... por mais real que tivesse sido, só um sonho. Um pouco tenebroso, talvez. Decerto incômodo. Mas isso era tudo.

Sentindo-se um tolo, voltou para a cama, mas não conseguiu pregar os olhos.



— Quer ganhar uns trocados, Pombo? — Adam perguntou ao garoto. Não pôde deixar de notar que ele vestia a mesma roupa do dia anterior.

— O que eu tenho que fazer?

— Você deve conhecer bem a região, né? Eu preciso sair e comprar algumas coisas pro apartamento. Se alguém me mostrasse onde ficam as lojas, tudo seria mais rápido.

— Fechado.

O garoto se levantou, bateu nas pernas, como se sacudisse a poeira, e emendou:

— Vamos?

— Não é melhor você avisar sua mãe ou alguém?

— Pode ficar tranquilo, seu Adam.

No íntimo, Adam sabia que era errado sair com o garoto daquela maneira, mas decidiu que não se importava. Ao chegar ao térreo, viu o porteiro referido por Marcos, o senhor Albuquerque. Ele estava concentrado em um caderno de ponto, tomando nota de alguma coisa que, para Adam, parecia tediosa. Era um homem franzino, na faixa de uns cinquenta anos, que apresentava uma calvície precoce e um portentoso bigode acastanhado. Seu queixo era afundado, como se tivesse sido arrancado do útero da mãe por um fórceps. Usava óculos quadrados que pareciam saídos de qualquer filme de época e estava sentado numa postura absolutamente perfeita, costas retas, peito aberto, ombros alinhados. Adam parou diante dele e estendeu a mão:

— Bom dia. Sou o novo inquilino do...

— O senhor vai deixar a chave, senhor Adam?

O homem tinha dito aquilo sem dignar-se a desviar o olhar do caderno. Adam hesitou um pouco, então falou:

— Não, senhor.

Albuquerque parou o que estava fazendo, olhou para ele e ergueu uma sobrancelha cínica.

— O que posso fazer pelo senhor, então?

Adam recolheu a mão, deu um leve aceno com a cabeça e saiu, seguido de Pombo, que estava nitidamente se divertindo. Ao cruzarem a porta, perguntou:

— Todo mundo aqui é grosso desse jeito?

O garoto sorriu.

— Quase todo mundo. O senhor se acostuma.

— Duvido...

— Aonde quer ir primeiro?

Eles caminharam por várias horas e o recém-chegado pôde se familiarizar com as redondezas. Tudo na cidade tinha um aspecto antigo. As ruas laterais eram de paralelepípedos; apenas as avenidas principais eram asfaltadas. Várias casas e lojas possuíam arquitetura estranha, com batentes de portas e janelas decorados em madeira ou gesso, sempre formando imagens curvilíneas, que despertavam uma sensação sinistra em Adam. Algo que remetia a ondas, espirais ou tentáculos. Adam reparou que havia pouquíssimas pessoas nas ruas.

Ele passou em algumas lojas da cidade, onde comprou o que precisava. Ou melhor, o que conseguiu encontrar, principalmente utensílios

de cozinha e banheiro, além de lençóis para a cama. Acabou encomendendo também um novo sofá e uma televisão, que só seriam entregues dali a três dias. Fez compras no mercado, que pediu para serem levadas no final da tarde, depois passou em uma loja de ferragens e em outra de tintas, onde adquiriu tudo o que era necessário para deixar o apartamento mais habitável. Explicou a Pombo que faria sozinho a reforma, já que tinha tempo de sobra e gostava daquele tipo de atividade manual.

— Aprendi com meu pai.

— O senhor e o seu pai se davam bem?

— Mais ou menos. Durante um tempo, sim. Depois as coisas se complicaram um pouco.

Por fim, para ter alguma coisa para fazer à noite, Adam quis comprar um livro. Com aquele seu característico sorriso largo, o garoto disse que conhecia o lugar ideal para levá-lo a seguir.



— Que lugar é este? — Adam perguntou.

— O senhor disse que queria comprar livros.

Ele olhou para a loja. A porta era de madeira pintada de verde musgo, de aspecto velho e com uma placa de “ABERTO” pendurada no vidro. Ao lado dela, uma grande vitrine abrigava meia dúzia de pilhas de volumes amarelados; encostados às pilhas, alguns livros estavam de pé, com as capas viradas para a rua. O primeiro exemplar que viu era uma encadernação de couro bastante antiga que dizia *The Book of Thoth*.

Adam torceu o nariz. O livro de Thoth era um tomo escrito no Antigo Egito, supostamente pela própria divindade Thoth, que servira de guia para diversos faraós. Ele ensinava um iniciado a controlar os elementos e a compreender a linguagem dos animais, entre outros prodígios. Perseguido e queimado durante anos, pouco restara do texto original, e uma encadernação completa não era feita há séculos. Ao lado dele, reconheceu outro título, *A Chave de Salomão*. A edição não era nem de longe tão antiga quanto a do anterior, mas, mesmo assim, parecia ter uns cem anos. Não era um grimório original, e sim uma tradução para o português. Intrigado, olhou para a fachada da livraria mais atentamente e percebeu que, ao lado do nome da loja, O Código Seraphinianus, havia um pentagrama desenhado. Franziu a testa e fitou Pombo com atenção por alguns instantes. Enfim, perguntou: